

Title Rodrigo Matheus
 Date 2015
 Publication SOUZA, Bernardo José de [et al]. *Panoramas do Sul – Obras Selecionadas e projetos comissionados*. São Paulo: SESC São Paulo; Associação Cultural Videobrasil.

Author Bernardo Souza
 Artist Rodrigo Matheus



80

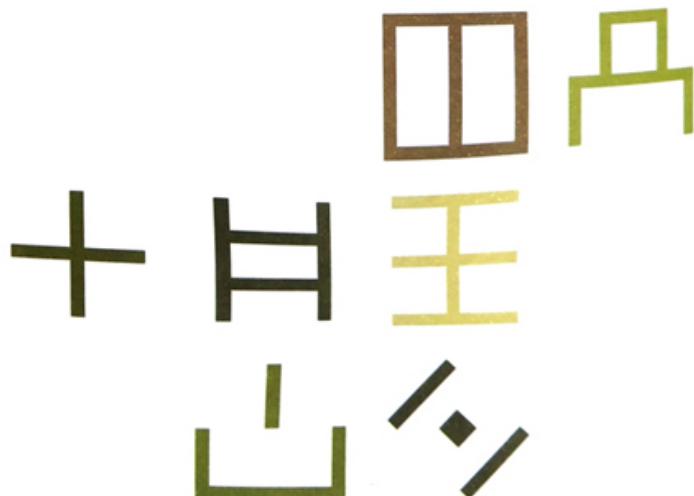
rodrigo matheus

São Paulo, Brasil, 1974

Vive em Paris, França

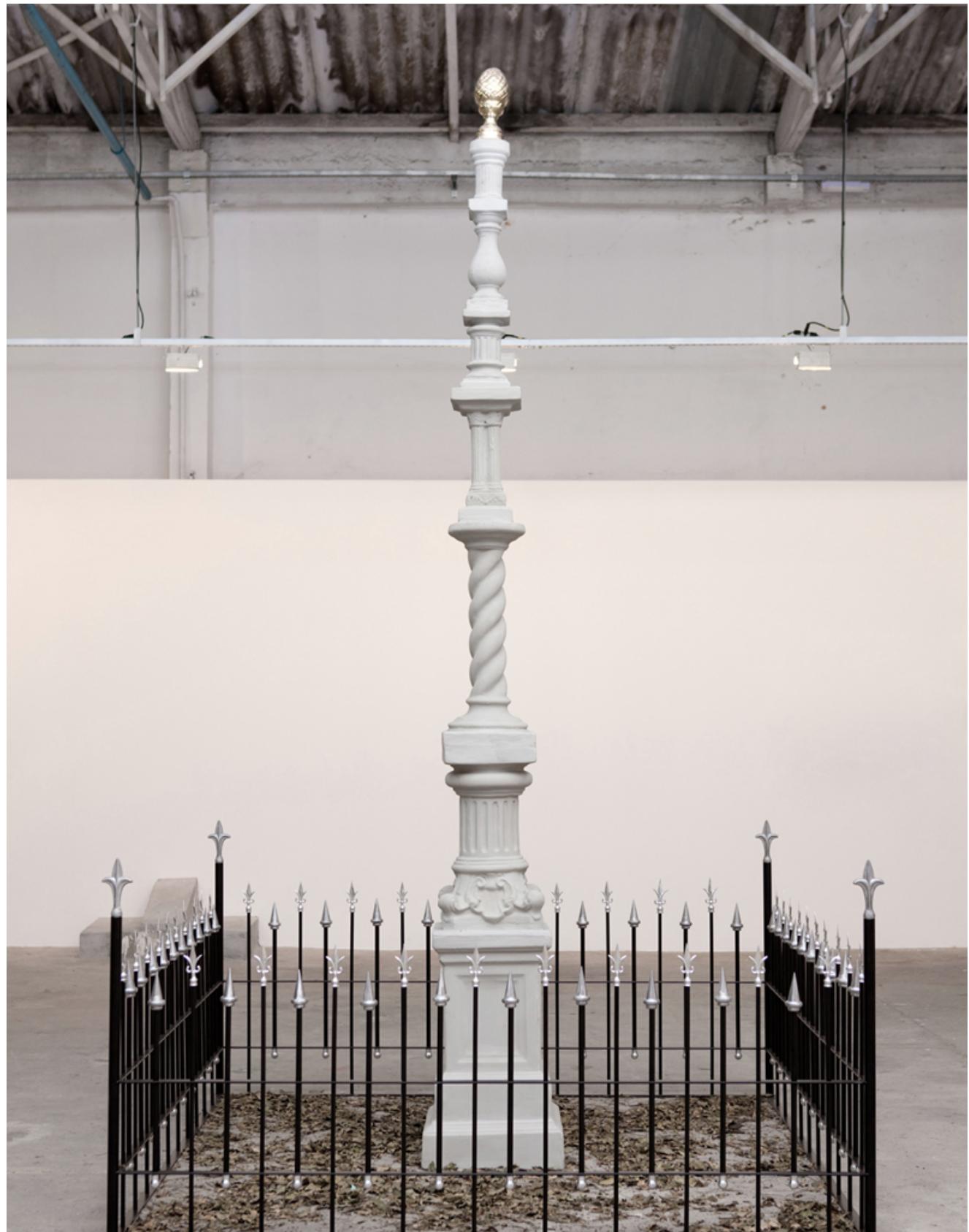
São Paulo, Brazil, 1974

Lives in Paris, France



Title Rodrigo Matheus
Date 2015
Publication SOUZA, Bernardo José de [et al]. *Panoramas do Sul – Obras Selecionadas e projetos comissionados*. São Paulo: SESC São Paulo; Associação Cultural Videobrasil.

Author
Artist Bernardo Souza
Rodrigo Matheus



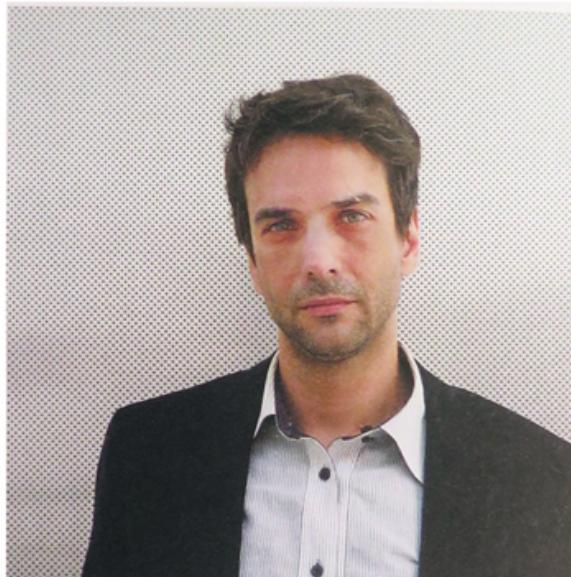
Title Rodrigo Matheus
Date 2015
Publication SOUZA, Bernardo José de [et al]. *Panoramas do Sul – Obras Selecionadas e projetos comissionados*. São Paulo: SESC São Paulo; Associação Cultural Videobrasil.

Author
Artist

Bernardo Souza
Rodrigo Matheus

rodrigo matheus

82



Title Rodrigo Matheus
Date 2015
Publication SOUZA, Bernardo José de [et al]. *Panoramas do Sul – Obras Selecionadas e projetos comissionados*. São Paulo: SESC São Paulo; Associação Cultural Videobrasil.

Author Bernardo Souza
Artist Rodrigo Matheus

Articulando diferentes mídias, as obras de Rodrigo Matheus criam inversões lógicas e relações inesperadas para discutir a natureza da representação na arte e revelar o projeto de mundo oculto sob os ditames do design industrial. De forma recorrente, seus trabalhos descontextualizam objetos cotidianos para organizá-los de maneiras que contrariam, tangenciam ou ironizam sua função original; outras vezes, eles exploram representações da natureza sob a ótica da artificialidade, como ao aplicar critérios da arquitetura à natureza.

Rodrigo Matheus é bacharel em artes pela Universidade de São Paulo e mestre em escultura pelo Royal College of Art (Londres). Fez mostras individuais na Fundação Manuel Antônio da Mota (Porto, 2013), no Museu de Arte da Pampulha (Belo Horizonte, 2004) e no Centro Cultural São Paulo (2004), entre outras. Participou da 3^a Bienal da Bahia (Salvador, 2014), da Vancouver Biennale (Vancouver, 2014) e de coletivas no Palais de Tokyo (Paris, 2013), no Museu de Arte Moderna de São Paulo (São Paulo, 2013 e 2011) e no New Museum (Nova York, 2010). Recentemente, apresentou a individual *Coqueiro Chorão* (Londres, 2014) e esteve no 32º Panorama da Arte Brasileira, MAM-SP (2011). Sua obra integra coleções como as do Instituto Inhotim, MAM-RJ e MAM-SP.

Articulating different mediums, Rodrigo Matheus creates logical inversions and unexpected relations to discuss the nature of representation in art and reveal the world project hidden beneath the dictates of industrial design. A recurrent approach in his work is to decontextualize everyday objects in order to organize them anew in ways that counter, ape, or ironize their original functions. Another modus the artist often employs is to explore representations of nature through the lens of artificiality, by applying architectural criteria to nature, for example.

Rodrigo Matheus holds a degree in art from the University of São Paulo and a master's degree in sculpture from the Royal College of Art (London). He has held solo exhibitions at the Fundação Manuel Antônio da Mota (Porto, 2013), Museu de Arte da Pampulha (Belo Horizonte, 2004), and Centro Cultural São Paulo (2004), among others. He participated in the 3rd Bienal da Bahia (Salvador, 2014), the Vancouver Biennale (Vancouver, 2014), and group exhibitions at the Palais de Tokyo (Paris, 2013), Museu de Arte Moderna de São Paulo (São Paulo, 2013 and 2011), and New Museum (New York, 2010). He recently presented the solo show *Coqueiro Chorão* (London, 2014) and took part in the 32nd Panorama da Arte Brasileira, MAM-SP (2011). His work features in various collections, such as those of the Instituto Inhotim, MAM-RJ, and MAM-SP.

P. 81 Monumento ao estilo, 2010. Cerca de ferro, concreto metalizado, folhas secas e pedras
Monumento ao estilo, 2010. Iron fence, metallic concrete, dry leaves, and stones

Title Rodrigo Matheus
 Date 2015
 Publication SOUZA, Bernardo José de [et al]. *Panoramas do Sul – Obras Selecionadas e projetos comissionados*. São Paulo: SESC São Paulo; Associação Cultural Videobrasil.

Author
 Artist Bernardo Souza
 Rodrigo Matheus

SOLIDITY AND RUIN

The representation of the world and the resignification of our material culture are issues that stand out in your art, whether in the way you explore two-dimensional images of the natural landscape or in the construction of sculptural volumes that challenge our perception of the forms found in nature or in the urban sphere, itself inherently artificial and technological—and I'm referring here to every apparatus whose function is subverted by the logic of re-appropriation that runs through your work. The organic and industrial sometimes fuse in hybrid bodies, while culture and nature operate at the same time in conflict and symbiosis. How do you see the traumatic relationship that Western culture has maintained with nature since at least the time of the great sea voyages and the early modern age?

I think this trauma you speak of is caused by what we might call Western culture, or Judeo-Christian culture, the kingpost of which is the separation of men and nature. The belief that man was created in God's image and therefore stands apart from nature justifies this "subject/object" relationship (between men and nature) and determines, on the cultural level, a utilitarian vision of nature as inexhaustible source of raw materials for the production of material goods. At school, I was taught that nature is fauna, flora, earth, fire, water, and air, and that it's our task, as external agents, to understand and master nature. This fragmented vision not only justifies colonization, which, theoretically, civilizes backward cultures and peoples (which define nature in other terms), but also serves as the basis for the unfettered developmentalism that fuels Western culture to this day.

Rodrigo Matheus

84

It is interesting that you mention religion because one thing your more recent exhibitions have brought to mind is the presence of sculptural works with a high religious charge. Totems, talismans, structures that evoke a certain mysticism, or which are built in the likeness of forms and images reminiscent of religiosity. However, the elements you club together to create these images are, individually and in principle, bereft of any aura, elevation, rare attribute, or transcendental quality; I would go so far as to say that they are banal, cheap elements, "imitation jewels" in a sense; plastics and things that have

functions but are not, at least not at first sight, endowed with any sophistication or deeper, time-forged symbolic value. The industrial materials, commodities, material culture of our society, when appropriated by and for art, don't seem to be there just to represent themselves (like Duchamp's urinal), but are present as a set of prior critical readings that flow from their original functions and impacts on the world. For example, the plastic netting you've been using is not just plastic netting, but a symbol of the world of work, of industry, of the use of oil, the exhaustion of natural resources, and so on. For me, these constructions don't refer to any particular religion or practice, but merely strive to bring to bear the capacity of narrative synthesis or representation that these images possess. I think belief in these symbols, or in the supposed "powers" certain cultures may project upon and through them, can serve as a pretext for discuss-

Title Rodrigo Matheus
 Date 2015
 Publication SOUZA, Bernardo José de [et al]. *Panoramas do Sul – Obras Selecionadas e projetos comissionados*. São Paulo: SESC São Paulo; Associação Cultural Videobrasil.

Author
 Artist Bernardo Souza
 Rodrigo Matheus

SOLIDEZ E RUÍNA

A representação do mundo e a ressignificação de nossa cultura material são questões que se impõem a sua prática artística, seja na investigação de imagens bidimensionais da paisagem natural, seja na construção de corpos escultóricos que desafiam nossa percepção das formas encontradas na natureza ou na esfera urbana, esta última essencialmente artificial e tecnológica – e, aqui, refiro-me a todo e qualquer aparato cuja função é subvertida na lógica de reapropriação de seu trabalho. O orgânico e o industrial por vezes se fundem em corpos híbridos; cultura e natureza operam, ao mesmo tempo, em atrito e em simbiose. Como você percebe a relação traumática que a cultura ocidental vem travando com a natureza, pelo menos desde as grandes navegações e o princípio da era moderna?

Penso que o trauma a que você se refere se dá por aquilo que podemos definir como cultura ocidental – sobretudo a judaico-cristã –, cujo pilar é a separação entre o homem e a natureza. A crença de que o homem é um ser criado à imagem e semelhança de Deus e, portanto, um componente fora dela (a natureza) justifica a relação de “sujeito e objeto” (entre homem e natureza) e vai determinar, no plano cultural, a visão utilitarista de que a natureza é fonte inesgotável de recursos para a produção de bens materiais. Aprendi na escola que natureza é fauna, flora, terra, fogo, água e ar – e nós, seres exteriores, cuja missão é compreendê-la e dominá-la. Essa visão fragmentada não só justifica a colonização que, em tese, levaria cultura a povos atrasados (que definem a natureza a partir de outros parâmetros), mas também é a base para o desenvolvimento ilimitado da civilização ocidental até hoje.



Interessante você ter falado em religião, pois algo que me vem à mente, em especial nas exposições de sua nova produção, é a presença de obras escultóricas das quais emana alguma carga religiosa. São totens, talismãs, estruturas que evocam algo de místico ou, ao menos, são construídas à semelhança de formas e imagens que remetem a uma certa religiosidade. Entretanto, os elementos que você reúne para conformar essas imagens são, individualmente e em princípio, desprovvidos de qualquer aura, elevação, atributo raro ou qualidade transcendental; eu diria, inclusive, que são elementos banais, baratos, “joias falsas”, num certo sentido; plásticos e objetos que possuem funcionalidade, mas não são dotados, à primeira vista,

de sofisticação ou valores simbólicos adensados ao longo da história. Os materiais industriais, as commodities, a cultura material de nossa sociedade, quando apropriados pela arte, parecem estar ali representando não só eles mesmos (como o urinol de Duchamp), mas também um conjunto de leituras e agenciamentos críticos prévios que disparam, em função de seu contexto original e de seu impacto no mundo. Por exemplo, a tela plástica que você vem usando não é apenas uma tela plástica, mas um símbolo do mundo do trabalho, da indústria, do uso do petróleo, da exaustão dos recursos naturais e assim por diante.

Para mim, essas construções, de fato, não se referem a alguma religião ou prática específica, mas buscam trazer à superfície a capacidade de síntese narrativa ou de representação que essas imagens

Title Rodrigo Matheus
Date 2015
Publication SOUZA, Bernardo José de [et al]. *Panoramas do Sul – Obras Selecionadas e projetos comissionados*. São Paulo: SESC São Paulo; Associação Cultural Videobrasil.

Author
Artist

Bernardo Souza
Rodrigo Matheus



Title Rodrigo Matheus
Date 2015
Publication SOUZA, Bernardo José de [et al]. *Panoramas do Sul – Obras Selecionadas e projetos comissionados*. São Paulo: SESC São Paulo; Associação Cultural Videobrasil.

Author
Artist Bernardo Souza
Rodrigo Matheus



Vista da exposição **Handle with Care**, 2010. Galpão Fortes Vilaça, São Paulo *View of the Handle with Care exhibition, 2010. Galpão Fortes Vilaça, São Paulo*

Title Rodrigo Matheus
Date 2015
Publication SOUZA, Bernardo José de [et al]. *Panoramas do Sul – Obras Selecionadas e projetos comissionados*. São Paulo: SESC São Paulo; Associação Cultural Videobrasil.

Author Bernardo Souza
Artist Rodrigo Matheus

rodrigo matheus
88



Órbita em espiral, 2013. Refletor e pedras **Órbita em espiral**, 2013. Reflector and stones

Title	Rodrigo Matheus	Author	Bernardo Souza
Date	2015	Artist	Rodrigo Matheus
Publication	SOUZA, Bernardo José de [et al]. <i>Panoramas do Sul – Obras Selecionadas e projetos comissionados</i> . São Paulo: SESC São Paulo; Associação Cultural Videobrasil.		

têm. Penso que a crença nesses símbolos, ou nos supostos “poderes” que uma ou outra cultura projeta a partir deles, possa servir de pretexto para discutir a ideia de “verdade maior” emanada por essas estruturas. Uma verdade que, então, não está sujeita às decisões da razão tampouco pode ser discutida. Penso que esses símbolos, quando construídos a partir de materiais de fora de seu universo, possam abrir portas de acesso para outros sistemas de crença, fora da esfera religiosa, ou de crenças voluntárias ou não. Esses componentes banais e baratos talvez nos revelem aquilo que temos de totalitário dentro de nossa própria rotina, aquilo que não discutimos mais, pois, de tão repetido, tornou-se uma verdade maior.

Pela maneira que você mencionou a tela plástica, fica clara, e é inegável, a eficiência simbólica dos materiais e as camadas de significado que se depositam sobre eles, a partir de nossas experiências – tanto no espaço público quanto no privado. Se pensarmos na natureza projetual de cada objeto/material que nos cerca, é possível entender que este projeto, para além da produção de um ente material individual, tem como premissa primordial a ação no mundo ou sobre o mundo. Assim, é com essa certeza que muitos de meus trabalhos vão “brincar” (e uso esse termo, pois penso que minhas operações de apropriação e de construção são um pouco como quando uma criança transforma a vassoura no cavalo ou o balde no capacete).

Vivemos em um mundo integralmente concebido, desenhado e determinado – do menor detalhe à maior construção. E, voltando à primeira pergunta, o que seria, então, a natureza? Seria tudo aquilo que não é determinado? Tudo aquilo que não foi desenhado?

Penso que essas mandalas e totens aos quais meu trabalho de tempos em tempos se refere são capazes de subverter e questionar o aspecto totalitário do design – e, desse modo, ampliar a experiência cultural dos objetos que compõem seu corpo.

No contexto desta exposição, sua obra aponta para um mundo em ruínas, em transição, onde remanescentes da cultura material constituem uma espécie de vestígio arqueológico; é algo que tanto pode ser produto de nosso tempo quanto de um futuro próximo ou distante, e no qual a figura humana é secundária ou mesmo inexistente. A ideia de que a natureza possa sobreviver ao homem, ou de que os elementos de nossa cultura possam sobreviver à natureza (consideremos o tempo de desintegração do plástico, por exemplo), produz a estranha sensação de que vivemos em um mundo onde a tecnologia e os bens materiais possuem grande autonomia, são entidades cuja longevidade talvez supere, em muito, a nossa. Há uma lógica do mundo capitalista (a mão invisível do mercado?) que parece operar independentemente de nossa vontade. Qual sua percepção da maneira como nos relacionamos com o tempo (passado, presente e futuro) neste princípio de século 21, diante da virtual impossibilidade de projetarmos cenários menos precários para o futuro?

Tenho a sensação de que o próprio exercício de projeção de cenários para o futuro já é, por princípio, comprometido com a lógica do mercado e da produção de bens. Sendo críticas ou não ao mundo capitalista, estarão sempre postas em relação a ele. Baseados em previsões, assistimos impotentes à ascensão ou à queda do valor de coisas materiais e imateriais que entendemos ou não. Assim como o tempo, acho toda essa especulação acerca do futuro muito abstrata e repleta de interesses para além do bem comum.

Vivemos um período de muita neblina, no qual a tecnologia e o excesso de informação nos entre-têm ininterruptamente – e isso, para mim, é algo que interfere na percepção do tempo.



Title Rodrigo Matheus
 Date 2015
 Publication SOUZA, Bernardo José de [et al]. *Panoramas do Sul – Obras Selecionadas e projetos comissionados*. São Paulo: SESC São Paulo; Associação Cultural Videobrasil.

Author
 Artist Bernardo Souza
 Rodrigo Matheus

90

Rodrigo matheus

ing the idea of a “greater truth” emanated by these structures; a truth that is not subject to the decisions of reason, or indeed to discussion. I think that these symbols, when built out of materials that do not belong to their worlds, can open doors onto other belief systems, outside the religious sphere, or onto other creeds, voluntary or otherwise. These cheap, banal components perhaps reveal that touch of authoritarianism in our routines, the stuff we refuse to discuss, because, for us, it’s become unimpeachable truth. From the way you mention the plastic netting, one thing that becomes clear, and is undeniable, is the symbolic efficiency of the materials and the layers of meaning deposited on them by our experience—in both public and private space. If we think of the projected nature of each object/material in our midst, we can understand that the fundamental premise of this project is, over and above the production of any individual, material thing, an action in or on the world. As such, that’s the certainty many of my works “play” with, and I say play because I think my appropriations and constructions are a little like when a kid turns a sweeping brush into a horse or a bucket into a helmet.

We live in a world that is entirely conceived, designed, and determined—from the slightest detail to the biggest construction. And, to go back to your first question, what is nature anyway? Is it everything that hasn’t been determined? Is it everything that hasn’t been designed? I feel the mandalas and totems my work returns to now and then are capable of subverting and questioning the totalitarian aspect of design—and thus of broadening the cultural experience of the objects that comprise it.

In the context of the present exhibition, your work points toward a world in ruins, in transition, in which the vestiges of material culture make up a sort of archeological haul; it’s something that could be the product of our age or of a near or distant future, in which the human form is secondary or even nonexistent. The idea that nature might survive man, or that elements of our culture might survive nature (if we consider, for example, how long it takes plastic to biodegrade), creates a strange sensation that we live in a world in which technology and material goods have enormous autonomy; that they are entities that may far outlive us. There’s a capitalist logic (the invisible hand of the market?) that seems to operate regardless of our will. How do you see our relationship with time (past, present, and future) at the dawn of the 21st century, given the virtual impossibility of predicting less precarious scenarios for the future? I get the feeling that the very exercise of predicting future scenarios is, in principle, co-opted by the logic of the market and the production of goods. Whether we’re critical of the capitalist world or not, we are always placed in direct relation to it. Based on predictions, we are powerless before the rise and fall in the value of material and immaterial goods which we may understand or may not. Like time, I think all this speculation about the future is very abstract and pervaded with interests that are not those of the common good.

We live in a time of dense fog, in which technology and an excess of information keep us endlessly entertained—and, for me, that’s what interferes with our perception of time.

Title Rodrigo Matheus
Date 2015
Publication SOUZA, Bernardo José de [et al]. *Panoramas do Sul – Obras Selecionadas e projetos comissionados*. São Paulo: SESC São Paulo; Associação Cultural Videobrasil.

Author
Artist Bernardo Souza
Rodrigo Matheus



Title Rodrigo Matheus
Date 2015
Publication SOUZA, Bernardo José de [et al]. *Panoramas do Sul – Obras Selecionadas e projetos comissionados*. São Paulo: SESC São Paulo; Associação Cultural Videobrasil.

Author Bernardo Souza
Artist Rodrigo Matheus

rodrigo matheus

92



Discurso, 2015. Peças de acrílico, tubos de alumínio, mãos de plástico, microfone e pedestal
Discurso, 2015. Pieces of acrylic, aluminum tubes, plastic hands, microphone, and pedestal

Title Rodrigo Matheus
 Date 2015
 Publication SOUZA, Bernardo José de [et al]. *Panoramas do Sul – Obras Selecionadas e projetos comissionados*. São Paulo: SESC São Paulo; Associação Cultural Videobrasil.

Author Bernardo Souza
 Artist Rodrigo Matheus

Se hoje entendemos o passado a partir de valores do tempo presente, acredito que compreender o mundo contemporâneo do ponto de vista histórico seja uma tarefa bastante complicada. Tenho a impressão de que o intenso fluxo de acontecimentos e o grande volume de meios de comunicação promovem uma cadeia de inflexões na divulgação dos fatos. Existe um volume enorme de fatos históricos a serem compreendidos, que aconteceram semana passada.

Vejo o tempo hoje como o portador de uma história em aceleração. Desse modo, horas, dias e meses tornam-se unidades de tempo cada vez mais frágeis, seja em relação a tudo o que acontece, seja sobre as expectativas do homem para com o futuro.

Como você percebe a relação de sua obra com um contexto geopolítico em franca transformação? Pensa ainda fazer sentido falar em um Sul geopolítico que, de alguma maneira, daria a tônica ao conjunto formado por realidades tão diversas quanto aquelas da Ásia, África, América Latina e Leste Europeu, todas marcadas – no passado ou mesmo no presente – pela sanha colonizadora das potências europeias?

Percebo que meu trabalho circula num contexto que prefiro chamar de Ocidental, um contexto onde os valores culturais são semelhantes, dialogam e se reafirmam, independentemente das condições econômicas e sociais dos territórios onde ele se apresenta. Acho que um recorte assim é possível, de um lado, mas, de outro, um tanto complicado. As potências do Norte, hoje, são colonizadas pela população de suas antigas colônias; portanto, penso que existe muito Sul no Norte e muito Norte no Sul. Com exceção dos nativos, todos os outros povos, do Norte ou do Sul, colonizaram as Américas, à força ou voluntariamente. As antigas periferias do mundo organizaram novos centros econômicos e culturais; a internacionalização da arte brasileira, por exemplo, é resultado disso.

Na exposição Panoramas do Sul | Obras selecionadas, realizada a partir de convocatória aberta aos artistas do Sul geopolítico, faz-se notar, com bastante clareza, uma preocupação marcada com o corpo, a arquitetura e a ideia de ruína, questões que, nesta edição do Videobrasil, vêm embaladas por uma atmosfera algo insólita. Solidez e instabilidade parecem andar juntas. Quais os ecos dessas questões em sua obra?

É nítido que o trabalho que desenvolvi para esta edição do Festival passa por algumas dessas questões. O projeto parte da história do próprio galpão onde, hoje, está instalado o Sesc Pompeia. Esse conjunto de galpões foi construído nos anos 1930, por uma empresa alemã, para abrigar uma fábrica de tambores. Sua localização era perfeita para qualquer indústria da época: perto da avenida Água Branca e dos trilhos das antigas estradas de ferro Sorocabana e Santos-Jundiaí. Em 1935, um incêndio destruiu todo o estoque e os equipamentos que estavam dentro dos galpões. A família Mauser, proprietária do imóvel, abandonou-o durante a Segunda Guerra Mundial, quando voltou para a Europa. O imóvel, embargado, serviu, mais tarde, como sede de uma montadora de geladeiras, que já não estava mais em funcionamento quando o Sesc o comprou, em 1971. De certa forma, meu projeto traz novamente para dentro do espaço físico do Galpão parte das ruínas de sua história – que, em certa medida, se relacionam com o brutal processo de industrialização, urbanização e arruinamento sofrido pela cidade que o abriga, nos últimos cem anos.

Entrevista concedida a Bernardo José de Souza



Title Rodrigo Matheus
Date 2015
Publication SOUZA, Bernardo José de [et al]. *Panoramas do Sul – Obras Selecionadas e projetos comissionados*. São Paulo: SESC São Paulo; Associação Cultural Videobrasil.

Author
Artist Bernardo Souza
Rodrigo Matheus

rodrigo matheus

94



Vista da exposição **Atração**, 2015. Galeria Fortes Vilaça, São Paulo [View of the Atração exhibition, 2015](#)
Fortes Vilaça gallery, São Paulo

Title Rodrigo Matheus
Date 2015
Publication SOUZA, Bernardo José de [et al]. *Panoramas do Sul – Obras Selecionadas e projetos comissionados*. São Paulo: SESC São Paulo; Associação Cultural Videobrasil.

Author
Artist Bernardo Souza
Rodrigo Matheus



Title	Rodrigo Matheus
Date	2015
Publication	

SOUZA, Bernardo José de [et al]. *Panoramas do Sul – Obras Selecionadas e projetos comissionados*. São Paulo: SESC São Paulo; Associação Cultural Videobrasil.

Author
Artist

Bernardo Souza
Rodrigo Matheus

If we insist on understanding the past in terms of the values of today, I think that makes understanding the contemporary world from a historical perspective a very difficult task. I get the impression that this heavy flow of events and the media glut we have today trigger a chain of inflections in the way the facts are divulged. There's a vast mass of historical facts to be understood, and that's only counting last week. I see time today as struggling to keep up with the accelerated flow of history. Hours, days, and months have become increasingly fragile as units of time, overwhelmed by the sheer volume of occurrences and the burden of man's expectations for the future.

How do you see the relationship between your work and a geopolitical context in mid-transformation? Do you think it still makes sense to speak of a geopolitical South, as a notion that subsumes the output of such different places as Asia, Africa, Latin America, and Eastern Europe, all of which bear the past and even present marks of the colonizing lust of European powers?

My work circulates in a context that I prefer to call Western, a context of places that share similar cultural values that dialogue with and reaffirm each other regardless of economic or social conditions. I think a perspective like that is possible on one level, but rather questionable on another. The Northern powers are now being colonized right back by their former colonies; so there's a lot of the South in the North, and a lot of the North in the South. With the exception of the natives, all other peoples, Northern or Southern, colonized the Americas either voluntarily or by force. The old world fringes have now organized their own economic and cultural hubs; the internationalization of Brazilian art, for example, is a result of this.

In the exhibition *Southern Panoramas I Selected Works*, the result of an open call to artists from the geopolitical South, what became crystal clear was an underlying concern with the body, architecture, and the idea of ruin, issues that reach this edition of the Videobrasil Festival buoyed by a rather strange atmosphere. Solidity and instability seem to be walking hand-in-glove. How do these questions echo in your work?

Of course, the work I developed for this edition of the Festival clearly touches upon some of these issues. The project was inspired by the factory warehouse that is now Sesc Pompeia. This set of warehouses was built by a German company in the 1930s to serve as a drum factory. It was perfectly located in the day, near Avenida Água Branca and the old Sorocabana and Santos-Jundiaí railroads. In 1935, a fire destroyed the warehouses, along with the whole stock and equipment. The Mauser family, which owned the property, abandoned it during World War II when they returned to Europe. The compound was put under embargo and used by a refrigerator manufacturer, but the company had gone out of business by the time Sesc bought the property in 1971. In a sense, my work returns to the warehouses something of the ruins of their history, which certainly has a lot to do with the brutal process of industrialization, urbanization, and ruination their host city has endured over the last hundred years.

Interview with Bernardo José de Souza

Title Rodrigo Matheus
Date 2015
Publication SOUZA, Bernardo José de [et al]. *Panoramas do Sul – Obras Selecionadas e projetos comissionados*. São Paulo: SESC São Paulo; Associação Cultural Videobrasil.

Author
Artist Bernardo Souza
Rodrigo Matheus

